

Para economistas, crescimento não sustentável dá força à ala populista

Economia

Janaina Vilella
Do Rio

Um crescimento econômico não sustentado nos próximos dois anos pode dar força a ala "populista e estatizante" do governo federal. Essa é a avaliação de economistas mais alinhados com o pensamento liberal que participaram ontem do debate "Brasil 2004 - Perspectivas para o crescimento", promovido pelo Ibmec.

Segundo os especialistas, é preciso que, alcançada a fase de recuperação cíclica da economia, o governo crie bases sólidas para um crescimento permanente, sustentadas por uma política de investimentos de longo prazo, pela definição de um marco regulatório e pela reestruturação do crédito.

O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, por exemplo, considera otimista um crescimento de 3,5% da economia, em 2005, como projetam analistas de mercado, porque a atual recuperação do país, afirma, está sendo alavancada pelo setor de bens de consumo duráveis e pelo crédito. "E isso não vai longe", vaticina Franco.

Ele destacou que o setor de infra-estrutura é um dos gargalos do crescimento sustentado do Brasil. Para Franco, as parcerias público-privadas (PPPs), apontadas como uma alternativa para a garantia de

futuros investimentos neste setor, só começarão a dar resultados no fim do atual governo. "Como está, não há razão para otimismo", disse ao falar para uma platéia de economistas e estudantes.

O secretário de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda, Claudio Considera, projetou que o país só crescerá 4% este ano "graças ao capital acumulado e à capacidade ociosa da indústria". O economista e professor do Ibmec, Eduardo Giannetti da Fonseca, por sua vez, acredita que o crescimento sustentado dependerá de um enredo muito mais complexo do que "recuperações cíclicas episódicas".

Em sua avaliação, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva "tem deixado a desejar" e parece "um cérebro com dois hemisférios que trabalham em direções opostas e não se comunicam". "De um lado você tem o Ministério da Fazenda e o Banco Central, responsáveis pela recuperação da economia. De outro, os ministérios não econômicos, que adotam uma postura intervencionista e estatizante. Se a economia não crescer, pode haver uma guinada destes políticos populistas ao poder", prevê Giannetti, acrescentando que o fortalecimento do "hemisfério populista" representaria um retrocesso inflacionário para o país.

Gustavo Franco concorda que a ala mais intervencionista do governo poderia se aproveitar de um possível fracasso da política econômica para ganhar força, mas acredita que essa postura não se sustentaria no longo prazo. "Não há a menor chance do hemisfério errado do cérebro tomar o governo. A primeira declaração de um ministro intervencionista faria a bolsa despencar e o risco Brasil subir, como aconteceu em 2002. Fracassaria antes mesmo de começar", pressagiou.

O presidente do Ibmec, Claudio Haddad, lembrou ainda que um dos principais entraves, hoje, para a captação de investimentos privados é a própria política intervencionista adotada pelo setor público. "O governo perdeu sua capacidade de investir (só a carga tributária representa 36% do PIB) e está impedindo que o setor privado o faça. O modelo de crescimento econômico adotado na década de 50 fracassou. Se uma parte do hemisfério estivesse tocando Beethoven e a outra axé, facilitaria", brincou Haddad.

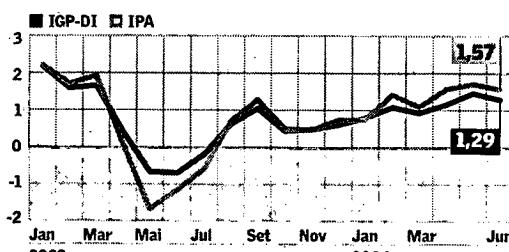
Pelos cálculos do ex-presidente do BC, a expansão da participação da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) no PIB dos atuais 18% para 28% representaria um acréscimo de R\$ 150 bilhões por ano em investimentos.

Leve recuo

Índice cai para 1,29% em junho após alta de maio

IGP-DI

Variação mensal - em %



IGP-DI

Variação mensal - em %

